

Existe uma Psicologia brasileira? Uma reflexão historiográfica sobre o estabelecimento da Psicologia no Brasil

Is there a Brazilian Psychology? A historiographical reflection on the establishment of Psychology in Brazil

Hugo Leonardo Rocha Silva da Rosa

Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO:

Este estudo trata de uma discussão no campo da história da psicologia no Brasil sobre a questão da originalidade e da autoria de algumas obras publicadas em território nacional. A partir de uma crítica a uma concepção de que os psicólogos brasileiros historicamente importam modelos estrangeiros, busca-se trabalhar alguns elementos autorais e aspectos nacionais presentes no interior de algumas obras publicadas no início do século XX. As obras aqui analisadas constituem-se de alguns manuais, os Testes ABC de Lourenço Filho e outras publicações fora do escopo médico e pedagógico. Com isto, propomos uma reflexão sobre a historiografia e como ela reproduz uma hierarquia na produção de conhecimento. Finalizamos a discussão com uma leitura a partir da expressão "Ciência Desembarcada" de Henrique Cukierman e algumas noções propostas por Vilém Flusser em sua Fenomenologia do Brasileiro, apontando para a possibilidade de se narrar uma história que não se reduza a aplicações de modelos estrangeiros, mas que de fato possui contornos brasileiros.

Palavras-chave: Psicologia Brasileira; História da Psicologia no Brasil; Historiografia da Psicologia.

ABSTRACT:

This study brings up a discussion in the field of history of psychology in Brazil on the issue of originality and authorship of some works published in the country. From a critique of the idea that Brazilian psychologists historically import foreign models, it aims to work some authorial elements and national aspects inside some books published in the early twentieth century. These works analyzed here come from textbooks, the Testes ABC from Lourenço Filho and other publications outside the medical and educational scope. With this, the present authors propose a reflection on our historical narratives and how often they end up reproducing a hierarchy in our knowledge production. We end the discussion working with the expression "Ciência Desembarcada" from Henrique Cukierman and some ideas from Vilém Flusser in his "Fenomenologia do Brasileiro", pointing to the possibility of narrating a story of a science that is not limited to applications of foreign models, but in fact has a Brazilian shape.

Key-words: Brazilian Psychology. History of Psychology in Brazil. Historiography of Psychology.

O texto apresenta uma reflexão sobre um modo específico de produzir narrativas na história da psicologia brasileira. Discutiremos algumas obras aqui publicadas com o

objetivo de analisar se efetivamente a psicologia no Brasil poderia ser reduzida a uma reprodução de modelos estrangeiros ou se há elementos singulares que apontam para questões ou problemas próprios do país. Nossas conclusões apontam que, embora de fato alguns textos tenham sido traduções da literatura estrangeira, por outro lado alguns autores brasileiros buscaram discutir e propor ideias que foram ofuscadas por uma interpretação equivocada de que o que se publicou e praticou no Brasil foram reproduções da ciência europeia e estadunidense. Conforme sugerimos, a ideia de que historicamente a psicologia ou mesmo a produção de conhecimento no Brasil se deu a partir da importação de modelos europeus e norte-americanos é expressiva na literatura. Jacó-Vilela et al. (2004) comentam que o positivismo, o discurso biologizante, o evolucionismo e a concepção da localização física das funções psíquicas chegaram ao Brasil no período oitocentista e muito influenciaram o discurso médico da época. Quando abordam especificamente a medicina, afirmam que "importava-se e aplicava-se a teoria, a orientação, os métodos clínicos, a técnica cirúrgica e a terapêutica" (p.141). Ainda que os autores concordem com o princípio de "tradução", isto é, de que houve uma nova leitura a partir daquilo que foi importado (p.149), a ideia de um conhecimento concebido como matriz a partir do qual aquele produzido no Brasil seria uma aplicação e um efeito de superfície encontra-se presente no texto.

Já Viera e Campos (2011), ao tratarem dos laboratórios de psicologia experimental no Brasil, afirmam que estes foram fundados aos moldes dos laboratórios estrangeiros. Ao retornarem ao Brasil, após contato com instituições europeias de produção científica em psicologia, personagens considerados pioneiros da psicologia no Brasil teriam fundado laboratórios semelhantes aos estrangeiros. Sobre isto, um exemplo comumente mencionado é o de Manoel Bomfim (1868-1932), médico sergipano que dirigiu um laboratório de psicologia experimental instalado no Pedagogium logo no alvorecer do século XX. Segundo Portugal (2010), Bomfim foi estudar na França com Alfred Binet e este supervisionou a construção do laboratório. Ao retornar, Bomfim coordenou, ao longo de mais de uma década, o que a literatura normalmente aponta, com o gosto pelas ficcionais origens, como o nosso primeiro laboratório de psicologia experimental (ANTUNES, 2012; PENNA, 1992)

Uma outra expressão dessa característica presente nas narrativas históricas da psicologia no Brasil pode ser encontrada em uma passagem de Massimi (2013):

Em alguns casos, assiste-se a tentativas originais de elaboração conceptual acerca de tópicos psicológicos por alguns autores tais como Ferreira França; mas, na maioria

das vezes, trata-se da transmissão e interpretação de teorias importadas (principalmente da França). De fato, na busca de transformar o Brasil em nação ocidental moderna, o passado colonial é encarado negativamente e o futuro é concebido como adequação a modelos que, num enfoque positivista do processo histórico, aparecem como mais evoluídos. Neste sentido, também a criação dos primeiros laboratórios no início do século XX parece acompanhar esse movimento voltado a criar no Brasil uma ciência do homem segundo métodos e objetivos sugeridos pelo cenário cultural e social internacional. (p.189)

Embora a autora reconheça uma tentativa de expressão autoral por parte de Ferreira França (1809-1857), novamente está presente a noção de um conhecimento importado e disseminado no Brasil. Para superar o passado colonial e trilhar os caminhos da modernidade, o Brasil necessitaria concertar com o conhecimento produzido nos países ditos cultos e civilizados. Certamente não os da região ibérica da Europa, mas principalmente França, Inglaterra, Alemanha e, na América do Norte, os Estados Unidos.

Em verdade, essa característica presente na historiografia não se limita ao período oitocentista ou ao contexto da Primeira República (1889-1930), conforme os trabalhos aqui citados, tampouco ao campo da psicologia experimental e das práticas de laboratório. Por exemplo, Almeida (2012) analisa a história da psicologia social brasileira e mostra como os modelos norte-americanos influenciaram o contexto latino-americano. O autor sustenta sua argumentação na ideia de que houve uma importação de um modelo estrangeiro no campo da psicologia social. Ainda que haja ali uma crítica a esse modelo, a partir do final da década de 1970, mostrando uma certa tentativa de ruptura com o mesmo, percebe-se claramente uma influência marcante de um conhecimento forasteiro sobre a intelectualidade brasileira e latino-americana de modo geral.

Não desconsiderando que os modelos estrangeiros circularam no Brasil e aqui exerceram influência, o presente estudo tem por objetivo propor uma reflexão, com base em algumas fontes primárias produzidas nas primeiras décadas do século XX, sobre a autoria e a originalidade de um conhecimento em psicologia produzido no Brasil. Trata-se de uma reflexão já iniciada em dissertação de mestrado (ROSA, 2016), em parte discutida em comunicação oral¹ e que será aprofundada neste texto. Não se pretende aqui a defesa de uma psicologia nacional, mas sim rever essa concepção de um saber importado ou - como bem empregou Henrique Cukierman - uma “ciência desembarcada” (CUKIERMAN, 2007). Desta forma, o texto se propõe a pensar criticamente as produções brasileiras, mostrando que há nessas obras elementos de uma

brasilidade que não podem ser omitidos de modo a reduzi-las a uma reprodução dos modismos intelectuais mundo afora. A construção dessa reflexão é progressiva: parte de obras que poderíamos considerar como pequenas adaptações até chegar a outras em que a construção de um pensamento mais autônomo aparece mais explicitamente.

Os manuais de psicologia nas instituições de ensino: limites entre a tradução e a adaptação

No que diz respeito à literatura em psicologia no início do século XX, muitas das obras eram publicadas em formato de manual. Trata-se de compêndios, princípios, manuais, pontos e noções de psicologia, que eram elaborados para atender aos programas de exame de admissão às Escolas Normais, Ginásios e Faculdades de Direito, instituições estas que exigiam conhecimentos de psicologia em suas provas. Este é o caso do *Compêndio de Psychologia*, de Henrique Geenen (1912/1925), e do *Psychologia e Lógica*, de Ludgero Jaspers (1921).

No livro de Geenen, a preocupação do autor foi de não só apresentar os principais modelos teóricos das diferentes perspectivas europeias em psicologia, mas também atualizar os brasileiros em relação ao estado da arte quanto às pesquisas dos últimos anos. Por sua vez, a obra de Jaspers é uma tradução e adaptação de um curso francês de filosofia. Em ambos os casos, é possível constatar uma certa apropriação de uma produção estrangeira para aplicação nas provas em solo brasileiro. Por outro lado, se partirmos do pressuposto de que tais obras podem ser reduzidas a uma compilação de modelos estrangeiros e que os alunos aprendiam não uma psicologia escrita por brasileiros, mas um conhecimento produzido fora do país, a tendência é que esses livros sejam considerados de pouca importância e colocados em segundo plano. No entanto, saber que se tratava de obras adaptadas implica considerar um recorte efetuado pelas diretrizes responsáveis pela instrução pública no Brasil, uma alteração no formato e no conteúdo das obras naquilo que se mostrava mais interessante para os programas. Esta particularidade atrelada às questões nacionais possibilita, assim, uma análise histórica.

Ainda tratando de manuais, um dos livros que tinha por objetivo auxiliar o ensino de psicologia no âmbito da Escola Normal era o *Pontos de Psychologia*, publicado em 1925 por uma professora que, por razões pessoais, preferiu manter o anonimato. A obra, assim como os outros manuais, foi composta a partir de diferentes compêndios e trata sobre tópicos dos mais diversos da psicologia clássica: consciência, emoção, memória, atenção, vontade, entre outros. São diferentes lições a serem

ministradas ao longo de um curso de psicologia. Onde seria possível encontrar certa particularidade nesta obra? Por exemplo, na lição sobre memória a professora assim escreve:

As crianças retêm as menores particularidades dos factos. E como as suas associações não são coordenadas, não sabe localizar no tempo e no espaço as suas lembranças; faz confusão de tudo o que aprende. Confunde nomes e os factos. É muito commum ouvirmos uma criança que aprende historia do Brasil, dizer que D. Pedro II proclamou a republica, D. João VI descobriu o Brasil e outras cousas semelhantes. (ANÔNIMA, 1925/1928, pp.146-147)²

Em outra passagem, dessa vez na lição sobre associação:

A criança compara a lua a uma unha cortada. Diz que o sol é uma brazinha. Responde que o anno é bissexto porque o presidente governa quatro annos. Estudando numeros primos, diz que o 3 é parente do 9, e assim observamos associações muito engraçadas nas classes primarias. (p.110)

Esses e outros exemplos, extraídos de sua experiência no magistério, compõem o livro. Não se trata, portanto, de traduções e extratos de compêndios produzidos nos tais países cultos e do velho continente, mas de uma originalidade constituída, por um lado, de diferentes autores estrangeiros, e, de outro, de vivências pessoais e aspectos culturais próprios do Brasil. Contudo, ainda que no interior da escrita houvesse elementos da cultura brasileira, ainda assim seria possível argumentar que a estrutura teórica é estrangeira e as ilustrações utilizadas são pequenas adaptações às condições locais para facilitar o entendimento. Nesse sentido, a ideia de originalidade brasileira encontra limites muito claros nessa obra. A discussão será aprofundada no próximo tópico, que abordará a construção de um pensamento ou um modelo mais estruturado por parte de um autor brasileiro.

A ciência da personalidade no pensamento de Manoel Bomfim

Em 1904, Manoel Bomfim publica um pequeno livro intitulado *O Facto Psychico*, que serviria de introdução a um curso de psicologia a ser ministrado na Escola Normal do Rio de Janeiro. Nesse livro, o objetivo de Bomfim é unicamente discutir o objeto da psicologia e para isso resgata alguns autores de sua época, como Spencer, Wundt e Ribot, hoje considerados clássicos. Ao longo do texto, o leitor pode verificar a construção de um pensamento à medida em que Bomfim expõe seus argumentos e dialoga com alguns dos principais autores da psicologia de sua época, aproximando-se de uns e divergindo de outros. De modo geral, Bomfim tende a concordar com a perspectiva evolucionista de Darwin e Spencer e também com as ideias de alguns autores franceses, concluindo ao final com uma definição particular

sobre a psicologia.

Para compreender a ideia trabalhada por Bomfim nesse texto, talvez seja interessante expor, juntamente com alguns comentários, o encadeamento das ideias apresentadas. Primeiramente, as ciências de modo geral, de acordo com Bomfim, possuem um objeto de estudo intuitivo. Biologia e Mineralogia, por exemplo, seriam ciências em que é possível, intuitivamente, concluir sobre seu objeto: a primeira seria a ciência da vida, enquanto a segunda a ciência dos minerais. Contudo, em se tratando da psicologia, Bomfim aponta um problema: “a denominação seria precisa si esta expressão – espírito ou alma correspondesse a uma noção intuitiva, precisa, de uma significação e de um valor indiscutíveis, infelizmente, porém, não e’ assim.” (BOMFIM, 1905, p.5).

Não sendo o espírito um objeto intuitivo, de definição precisa e clara, Bomfim emprega um exercício de reflexão sobre seu significado. A Filosofia clássica, conforme o autor, atribuiu a uma entidade metafísica a capacidade de produção dos fenômenos psíquicos. Se pensamos, sentimos e temos vontade, isto é uma expressão de uma substância superior chamada espírito. Portanto, de acordo com este raciocínio, ele é a causa dos fenômenos psíquicos. Diria Bomfim que, como se tem conhecimento apenas dos resultados últimos da atividade psíquica e não das condições materiais que com ela estabelecem relação, é natural a inferência de uma entidade superior para explicá-las. As diferentes atividades psíquicas eram, desta feita, as faculdades dessa substância superior. Nas palavras do autor:

Não tendo o homem, em summa, consciencia sinão dos resultados ultimos, adaptados, coordenados, uniformes como elles se nos representam, nada mais natural do que illudir-se e admittir: que essa harmonia psychica não poderia existir sinão como o produto da actividade de um principio superior, único - uma entidade metaphysica - força e substancia pensante. E foi a este principio sobrenatural que se deu, realmente, o nome de espirito ou alma. Cada uma das actividades psychicas eram, apenas, faculdades deste mesmo principio transcendental, metaphysico. (p.23)

Se a ideia de espírito enquanto causa da expressão psíquica parecia mostrar-se problemática para Manoel Bomfim, qual deveria ser então o objeto mais adequado para a psicologia? É buscando uma solução para este impasse que Bomfim elege não os fatos de consciência, o estado mental, a sensação ou mesmo a mente, como alguns dos mais conhecidos autores da psicologia (BINET, 1909; TITCHENER, 1928; JAMES, 1950) daquele período, mas a personalidade. A psicologia deveria ser, conforme Bomfim, "a sciencia da personalidade" (p. 27). Na contramão das causas primeiras e da substância

superior, a ideia de personalidade pode ser entendida como resultante das atividades psíquicas, uma espécie de eu, uma unidade que se produz na relação do organismo com o meio social. Essa unidade se apresenta como uma harmonia não mais produzida por uma substância imaterial e superior, "alguma cousa a mais, um quid" (p.25), algo que antecede a vida psíquica, mas é a própria síntese das atividades psíquicas. A formação da personalidade ao longo da vida, dependente da relação organismo e meio, seria uma constante transformação em direção à adaptação.

Antes de retornar à discussão sobre possíveis elementos para se pensar a construção de um pensamento brasileiro em psicologia, cabem aqui alguns breves comentários. Conforme uma certa tradição historiográfica produzida sobretudo nos Estados Unidos e perpetuada por autores como Boring (1950), a nova psicologia ou psicologia moderna, como também muitas vezes é chamada, estava emergindo na Europa e encontrava-se, em fins do século XIX, em pleno desenvolvimento. A produção de uma psicologia no interior dos laboratórios se multiplicou nos países europeus e também nos Estados Unidos da América (BORING, 1950; BRAUNSTEIN & PEWZNER, 1999; PILLSBURY, 1929; GOODWIN, 2010). Nesse contexto de produção de uma nova ciência, tornava-se necessário redefinir o seu objeto de estudo, uma vez que a ideia de ciência da alma trazia consigo uma herança de uma psicologia das faculdades da alma, psicologia esta carregada de entraves metafísicos dos quais os psicólogos, ao menos aqueles afeitos a ideia de que a psicologia deveria ser uma ciência natural, procuravam se desvencilhar.

Esta preocupação entre os autores do final do século XIX e início do XX refletia-se nos manuais publicados, pois os primeiros capítulos de seus livros normalmente eram dedicados a definir a psicologia, seu objeto e métodos de estudo, diferenciando-a de outros campos do conhecimento como a Filosofia e a Fisiologia (e.g. BINET, 1909; WUNDT, 1897/1896).

É na esteira desse cenário e perfil livresco que caracteriza os manuais que seria possível contextualizar o texto de Bomfim: o autor estrutura seu curso igualmente se preocupando em circunscrever o objeto da psicologia, tal como nos manuais estrangeiros, aspecto também presente em seu *Noções de Psychologia* publicado posteriormente, em 1917 (BOMFIM, 1928/1917). No que concerne ao formato, nada de novo. Contudo, se considerarmos sua definição aqui apresentada e que permeia todo o seu manual, seria possível atribuir ao *Noções de Psychologia* feições próprias que não se resumem a uma mera reprodução ou mesmo adaptação dos manuais estrangeiros.

Contudo, seria possível utilizar-se do texto de 1904 como um exemplo para a presente discussão? Ao se estudar as diferentes teorias ou escolas psicológicas, um aluno de psicologia normalmente aprende que o Estruturalismo e o Behaviorismo são movimentos norte-americanos, enquanto o Gestaltismo uma escola alemã. Por sua vez, aprende também que a Psicologia Diferencial possui raízes inglesas e a Psicanálise é um movimento austríaco. Enfim, para cada pensamento ou escola associa-se normal e arbitrariamente um país e suas respectivas paternidades. Entretanto, apesar de haver um dicionário de duzentos pioneiros da psicologia no Brasil (CAMPOS, 2001), teria algum deles produzido um conhecimento que permitisse situá-lo ao lado de Piaget, Freud, Watson, Kohler, entre outros grandes nomes da psicologia? Se não um corpo teórico de alto gabarito, ao menos outros autores ou ainda historiadores que perpetuassem sua obra na intelectualidade brasileira?

No livro *Psicologia Educacional*, publicado em 1936 por Nelson Cunha de Azevedo, o autor inicia seu texto contextualizando historicamente as diferentes escolas de pensamento em psicologia. Como de praxe, lista em tópicos as escolas existentes até aquele momento e seus principais autores, algo semelhante ao aqui exposto no parágrafo anterior. Contudo, o interessante é que mais ao final da lista, no tópico "g) outras correntes", o autor assim escreve: "Psicologia é a ciência da personalidade (Bomfim)" (AZEVEDO, 1936, p.11). Isto é, ao lado da Reflexologia de Vladimir Bechterew e na mesma lista em que estão presentes o Behaviorismo e o Gestaltismo, há uma corrente de pensamento de autoria brasileira sendo ensinada e divulgada em território nacional. Além disso, em seu verbete sobre Manoel Bomfim, Antunes (2001) atribui originalidade ao pensamento do médico sergipano quando afirma que este teria antecipado "algumas ideias posteriormente correntes na Psicologia, como as de Vigotski e Piaget, assim como teria antecipado as ideias de Ernst Bloch e Antonio Gramsci em sua interpretação da sociedade." (p.93). A autora se baseia principalmente na obra *Pensar e dizer: estudo do symbolo no pensamento e na linguagem* e não em *O Facto Psychico*, texto aqui trabalhado.

No entanto, ainda que se pudesse constatar em Bomfim um pensamento mais autoral que não se limitasse a uma simples importação de ideias estrangeiras, a menção a esta corrente de pensamento no livro de Azevedo parece ser caso isolado, uma vez que não observamos outras referências à psicologia enquanto ciência da personalidade (sob autoria de Bomfim) em outros manuais, incluindo os mais recentes. Ainda assim, uma

possível interrupção em seu ensino ou esquecimento dessa corrente nos manuais não autorizaria o historiador a negligenciar possíveis traços nas obras aqui produzidas que possibilitam uma discussão sobre a construção de um pensamento autoral em psicologia, por parte de alguns autores brasileiros. O próximo exemplo irá complementar a discussão apresentando o caso de uma obra que teve maior circulação e fora mencionada fora do país.

Os Testes ABC de Lourenço Filho: além das fronteiras brasileiras

Na esteira do movimento dos testes psicológicos e como uma tentativa de colaborar na resolução de um problema na instrução pública do Estado de São Paulo, Lourenço Filho (1897-1970) publicou, em 1933, a primeira edição dos Testes ABC. Trata-se de uma bateria de oito testes que tinha por finalidade avaliar a maturidade necessária para a aprendizagem da leitura e da escrita. A investigação do nível de maturidade nos alunos é um ponto fundamental na discussão proposta neste texto e forneceremos informações complementares para entendimento do trabalho de Lourenço Filho.

É importante lembrar que o movimento dos testes psicológicos, de acordo com os trabalhos no campo da história da psicologia, recebeu um expressivo impulso nos Estados Unidos, principalmente no período posterior à Primeira Guerra Mundial (1914-1918) (BENJAMIN, 2009; CASTRO, CASTRO, JOSEPHSON, & JACÓ-VILELA, 2013; GOODWIN, 2010). No entanto, os historiadores recordam também que muitos dos instrumentos desenvolvidos no contexto estadunidense tiveram inspiração na escala francesa Binet-Simon, de 1905. Com efeito, esta escala, que tinha por objetivo avaliar o nível intelectual geral (NIG) nas crianças francesas, foi revisada nos Estados Unidos por entusiastas dos testes sendo, portanto, objeto de muitos estudos quantitativos. A escala Stanford-Binet foi produto de revisões e adaptações da escala original e passou a trabalhar não mais com o NIG que havia sido proposto por Binet e Simon, mas com a concepção de quociente intelectual (QI).

Nesse sentido, a partir da escala Binet-Simon outra foi produzida em solo norte-americano, buscando atender aos interesses e demandas locais. Não seria adequado, desse ponto de vista, analisar o movimento dos testes ocorrido nos Estados Unidos como uma importação a partir de uma psicologia francesa. Do mesmo modo que não se analisariam as obras de Cattell e Stanley Hall, duas figuras da primeira geração de psicólogos dos Estados Unidos e que estudaram com Wundt, reduzindo-as a um modelo

alemão de psicologia experimental

Conforme já adiantado, Lourenço Filho (1937/1933) não trabalhou nem com a noção de NIG e tampouco com a de QI. A justificativa é apresentada nos seguintes termos:

A verdade é que a simples classificação pela idade mental ou, mesmo, pela relação dessa idade e da idade cronológica (Q.I.) não tem dado todo o resultado esperado, em se tratando das classes de 1.º grau ou sejam classes para o aprendizado inicial da leitura e da escrita. (p.28)

E continua, agora inclinando para a noção de maturidade:

Impressionára-nos o facto de haverem algumas crianças fracassado na aprendizagem da leitura, no anno lectivo anterior, muito embora apresentassem nivel mental igual ou superior ao de outras, para as quaes o aprendizado se havia dado normalmente, na mesma classe, com o mesmo mestre, e, pois, com os mesmos processos didacticos. Havia ahi um problema de grave importancia para a economia escolar. Intentámos resolvê-lo, primeiramente, pela verificação de uma possivel maturidade da acuidade visual e auditiva, assumpto que, dantes, já nos vinha preocupando de modo particular, e pelo estudo da fatigabilidade, e interesse na atenção escolar. (pp.39-40)

As diferentes provas que compõem os Testes ABC encontram inspiração em tarefas propostas por autores como Winkler e Binet, havendo um trabalho de adaptação por parte de Lourenço Filho para a constituição do instrumento. Assim, não apenas o objeto a ser verificado (maturidade) foi uma proposta sua como também as tarefas foram adaptadas visando a eficiência da aplicação. Idealizada a sua bateria, até 1934 o instrumento já havia sido aplicado, segundo o próprio autor, em 40.116 crianças de diferentes estados brasileiros (p.5). Esse trabalho de reformulação, adaptação e aplicação em amostra local muito se assemelha, respeitando as diferenças contextuais, aos trabalhos que os estadunidenses realizaram a partir da escala Binet-Simon. E, assim como no caso de Alfred Binet, um dos fatores que conduziram ao desenvolvimento dos Testes ABC foi uma questão de âmbito da instrução pública: como lembra Lima (2007), a composição de classes homogêneas para melhor administrar o ensino e, em última instância, a economia aos cofres públicos.

Se a corrente proposta por Manoel Bomfim parece ter circulado mais discretamente entre os seus compatriotas, o mesmo não ocorreu com o teste de Lourenço Filho. Monarcha (2008) afirma que entre 1933 e 1974 o manual alcançou 12 edições, totalizando 62 mil exemplares. Além disso, foi traduzido para o inglês e também para o espanhol, tendo sido publicado nos Estados Unidos e na Argentina. Aliás, conforme consta no próprio manual, figuras como Lewis Terman, Rudolf Pintner,

Henri Piéron e A. Ballesteros teceram breves e elogiosos comentários sobre os Testes ABC (LOURENÇO FILHO, 1937, p.10). Na Europa, além de Piéron, o trabalho foi divulgado também por Halina Radecka em trabalho enviado para o X Congresso Internacional de Psicologia, realizado em Copenhague no ano de 1932 (MONARCHA, 2008, p.15)³.

As traduções para línguas estrangeiras implicam a utilização dos Testes ABC nas instituições dos respectivos países, como sugere Lima (2007, p.147). Acrescenta-se ainda que não apenas na França, na Argentina e nos Estados Unidos, como também na Guatemala se verificou a utilização dos Testes ABC, no trabalho de Antonio Manuel Santos intitulado “Uma experiencia con los tests ABC” e publicado em 1952 (SANTOS, 1952).

Até o presente momento, o objetivo deste texto tem se apresentado sob diferentes ângulos. Primeiramente, os manuais de psicologia que fornecem ao leitor alguns elementos próprios do contexto e da cultura local. Depois, a construção de uma definição para a psicologia a partir de uma reflexão sobre o seu objeto e a circulação dessa concepção verificada em outro autor. Neste tópico, os Testes ABC de Lourenço Filho e sua ampla utilização em território nacional e para além das fronteiras brasileiras. Os manuais de Henrique Geenen, Ludgero Jaspers e o texto de Bomfim, sob certo ponto de vista, guardam semelhanças. Embora os autores tenham formações distintas, suas publicações tinham por objetivo o ensino da psicologia. Desse modo, uma vez formalmente vinculados a determinadas instituições, os autores estavam subordinados aos programas oficiais. Quanto a Lourenço Filho, os Testes ABC estavam destinados à resolução de um problema de âmbito educacional. Entretanto, existem algumas obras de psicologia publicadas no Brasil que escapam das amarras e das diretrizes institucionais ou ainda de demandas específicas. Escritas por indivíduos ainda muito pouco conhecidos na história da psicologia no Brasil, trata-se de textos que demonstram certa autonomia e liberdade na construção do pensamento. Aqui serão trabalhados dois exemplos para ampliar a discussão.

À margem do discurso médico e pedagógico: outros ensaios de psicologia publicados no Brasil

Ao narrar a história da psicologia no Brasil, o historiador tende a valorizar os textos de médicos e educadores do final do século XIX e dos primeiros anos do século XX. Tais obras ou conteúdos "psy", presentes no interior das teses de medicina e em textos de educadores, figuram nas narrativas brasileiras como exemplos de uma

produção em psicologia que concorda com aquelas que emergiram na Europa na segunda metade do século XIX. Com efeito, desde os primeiros ensaios históricos da psicologia no Brasil (CABRAL, 2004/1950; LOURENÇO FILHO, 2004/1955; OLINTO, 2004/1944) percebe-se uma atenção maior sobre uma nova configuração do campo psicológico a partir das influências positivismo e do materialismo. Estas influências se refletem na eleição do laboratório de psicologia experimental como o primeiro centro de produção em psicologia no país (ANTUNES, 2012).

Contudo, apesar de ser possível atribuir aos médicos e educadores uma importância para a psicologia no Brasil, e efetivamente eles foram relevantes, os mesmos não eram os únicos a escrever sobre o assunto. Além desses, filósofos, padres, espiritistas, entre outros autores, produziam textos em psicologia que se diferenciam não apenas quanto ao público-alvo de suas produções como também quanto aos seus pressupostos epistemológicos. Entre esses muitos personagens havia aqueles situados à margem das principais instituições da época, a saber, as faculdades de medicina, de direito, os ginásios, as instituições psiquiátricas e as escolas normais. A presença desses personagens na literatura é praticamente inexistente, mas seus textos colaboram para a presente reflexão sobre um pensamento brasileiro em psicologia.

A *Psychologia das Atitudes*, de Paulo de Magalhães, é um interessante ponto de interrogação na história da psicologia: não se trata de um livro que poderia ser alocado no interior de uma escola de psicologia ou mesmo uma corrente de pensamento, tal como a psicologia fisiológica ou o behaviorismo. Seria forçado, também, classificá-lo como um livro de psicologia social, ainda que sua leitura pudesse conduzir o leitor a esta conclusão. Embora não seja adequado categorizá-lo a priori, o estilo literário e a estrutura, dividida em pequenos contos, sugere ser um texto que possui interseções com a literatura. De que trata, pois, o autor que nada diz sobre si além de se auto afirmar um "homem público" no prefácio? Paulo de Magalhães, não sendo este um pseudônimo, é um desses personagens ainda desconhecidos na literatura e cujas obras oferecem controvérsias para se repensar criticamente a história da psicologia no Brasil.

De modo geral, o intuito de Magalhães com essa obra é criticar alguns típicos personagens da sociedade brasileira de sua época. Personagens tão conhecidos pela maioria das pessoas que o próprio autor alerta: "Vendo-os, nas minhas descrições syntheticas e reaes (...) haveis de pensar logo em alguém que bem conheceis e que vive dentro do typo que eu descrevo." (MAGALHÃES, 1923, p.11). Trata-se de uma crítica

social, conforme o mesmo afirma, em que Magalhães constroi curtas histórias que giram em torno do "typo" denunciado. Cada capítulo é uma ilustração sobre um tipo específico de indivíduo que integra a sociedade moderna brasileira, por meio de suas atitudes descritas nas histórias. Compreende-se melhor o pensamento do autor e mesmo o objetivo da obra ao se recorrer às suas considerações críticas sobre a sociedade moderna:

A sociedade moderna - grande pyramide de ouro construida sobre alicerces de barro que se liquefazem gradativamente - admira e enaltece e applaude e diviniza a todos aquelles que sabem vencer, enganando-a embora, illaqueando consciencias, ludibriando multidões, mentindo emfim, mas vencendo em todo o caso e sob um bom aspecto! (p.7)

E continua, desta vez tratando diretamente das atitudes dos indivíduos modernos:

E' o triumpho da apparencia sobre a realidade, da ostentação apparatusa sobre a modestia verdadeira, da gritaria trombeteante sobre a ponderação bem timbrada, do ruido atordoante sobre a harmonia melodica, é a supremacia da exterioridade, é a victoria do "bluff", é o successo das attitudes! (p.8)

Onde se verifica aqui uma psicologia? Conforme Magalhães tece uma narrativa literária em cada capítulo, algumas categorias para análise dos personagens aparecem nas descrições, tais como: conduta, inteligência, hábito, percepção e emoções. Essas são algumas das categorias mais tradicionais trabalhadas em qualquer manual de psicologia de sua época, como os aqui já mencionados. Em Magalhães, elas não aparecem em tópicos, muitas vezes pouco explícitas, mas diluídas ao longo do texto para descrever e analisar os indivíduos tipificados. O foco do autor centra-se nas condutas que caracterizam os respectivos personagens analisados, cada qual sendo um "typo". O "typo" nada mais seria do que um jeito de ser e existir que é criticado pelo autor. Em suma, trata-se, dialogando com o texto de Bomfim, de uma série de aspectos psicológicos que convergem em uma unidade, um eu, que é o próprio personagem narrado.

Embora o autor não explicita qualquer pretensão de analisar especificamente o brasileiro, afirmando tratar-se apenas de indivíduos comumente presentes na sociedade moderna, alguns elementos nacionais aparecem no livro: a cidade do Rio de Janeiro, pronomes de tratamento, nomes e adjetivos da língua portuguesa e até mesmo o "Club de sport" Fluminense (p.25). Os "typos" analisados são personagens como Dona Honesta, José Parasita, Manoel do Musculo e outros. É como se alguém, hoje,

pincelasse alguns desses personagens que circulam nos nossos discursos do cotidiano, como o “playboy”, o “nerd”, a “socialite” e outros e analisasse esses personagens em pequenas histórias, reunidas em capítulos e resolvesse colar a etiqueta de psicologia social no título do livro. Da mesma forma, Paulo de Magalhães constroi e critica típicos indivíduos que comporiam a sociedade brasileira moderna de sua época. O significante “psychologia” entra aqui como um recurso para análise: personagens são descritos e analisados segundo categorias psicológicas, as mesmas comumente presentes nos manuais de psicologia.

Um segundo exemplo é o livro *Reflexões: ensaios de psychologia e meditações philosophicas*, de Alberto Conte, publicado em 1922. Assim como Paulo de Magalhães, esse autor não pertencia a um grupo seletivo de intelectuais brasileiros que são tidos como pioneiros da psicologia no Brasil e normalmente citados pela historiografia. Pelo contrário, foi um jovem estudante do ensino normal de São Paulo que, com alguma dificuldade financeira, conseguiu publicar suas reflexões, sendo algumas delas formuladas a partir de suas vivências.

Embora a estrutura de seu livro se diferencie dos manuais de psicologia, Conte trata de alguns temas como o equilíbrio mental, a loucura, a idiotia, a anormalidade e o raciocínio. É interessante notar, assim como no caso do autor dos típicos personagens, que Conte não se refere a outros autores para abordar os temas que se propõe a discutir. Seus escritos não dialogam diretamente com as produções em psicologia de sua época. Uma fonte explícita para embasar suas reflexões são suas experiências de relação com outras pessoas com que teve contato em determinadas situações por ele descritas. Quando aborda os temas da loucura e da anormalidade, observamos uma interessante passagem do autor:

A água ou é límpida ou é turva. A temperatura de um corpo pode variar entre o frio e o calor. Mas o frio não é senão a ausência de calor. Há pouco calor, muito calor ou nenhum calor. Assim o individuo pode ser completamente louco, pouco louco, pouquissimo louco. Completamente idiota, pouco idiota ou pouquissimo idiota. Esses individuos minimamente loucos ou minimamente idiotas não são tidos como taes. Chama-se-lhes singulares, originaes, exóticos, exquisitos, desempenham cargos de responsabilidade e mistéres e profissões de todo o genero, porque seria impossivel mettê-los todos nos hospicio. A quase totalidade dos homens é composta de anormaes e, por consequencia, a anormalidade constitúe a verdadeira normalidade. (CONTE, 1922, p.81)

As considerações sobre a loucura são ilustradas a partir de vivências e encontros com outras pessoas. Conte relata especialmente as características exóticas de

personalidade de um homem simples que encontrara. Não analisa de um ponto de vista médico, avaliando o grau de anormalidade e uma possível necessidade de tratamento em uma instituição psiquiátrica, mas de uma diferença quanto aos humores e à conduta que possibilita um outro modo de ser e agir, um outro modo de existir.

Um aspecto literário também pode ser verificado nas reflexões do autor, algo que se assemelha ao texto de Magalhães. Quando reflete sobre o raciocínio, por exemplo, comenta: “(...) é como o fogo e a luz, o corpo brilhante e o brilho. Um é função do outro, talvez, mas, de um a outro vae um mundo de diferença. O raciocínio é, finalmente, como o orfão que se vê no mundo e não sabe explicar a sua origem.” (pp.134-135).

Tanto Paulo de Magalhães quanto Alberto Conte são autores que fornecem elementos controversos para analisar a psicologia no Brasil. Se, por um lado, estão deslocados, a princípio, das instituições que já conhecemos por meio da historiografia, por outro, ao mesmo tempo empregam categorias "psy" na produção de um discurso que contém elementos do contexto brasileiro. Construíram, poderíamos dizer, uma psicologia à margem dos principais autores da sua época. São dois exemplos que abrem um campo de investigações históricas e que, ao mesmo tempo, pouco ou nada se adequam às narrativas que valorizam sobretudo os aspectos institucionais e científicos da psicologia no Brasil.

Seria a psicologia brasileira uma psicologia desembarcada e defasada?

As fontes aqui trabalhadas são um conjunto de exemplos que vem a sustentar a proposição de que as produções em psicologia publicadas no início do século XX, no momento da história do Brasil que convencionamos chamar de Primeira República, possuem um colorido nacional, uma certa tonalidade brasileira, que não se reduz a um baú de produtos importados oriundos dos países ditos civilizados, desenvolvidos economicamente ou ainda de uma cultura que julgamos ser superior. Esses são os produtos “de ponta” - como costumamos dizer - enquanto que, ao menos historicamente, tratamos nossas produções como algo menor, como quinquilharias filosóficas, neste caso, psicológicas.

Os manuais eram, até certo ponto, uma compilação de autores e das pesquisas mais atuais em psicologia. Por outro lado, o recorte executado para atender às demandas dos programas das instituições e os elementos culturais presentes nas obras, como no

caso da professora anônima, indicadores de uma adaptação àquilo que interessava às diretrizes nacionais ou aos professores brasileiros, alertam o historiador para um cuidado necessário ao analisar tais textos.

Tratando de um pensamento autoral em psicologia, a discussão adquire outros contornos. É sabido que alguns estrangeiros notadamente conhecidos no final do século XIX e início do XX vieram ao Brasil, de passagem, para ministrar cursos de psicologia. George Dumas e Henri Piéron, experimentalistas franceses, são casos conhecidos e registrados no jornal *A Imprensa* (George Dumas em S.Paulo, 1912, 10 de agosto) e também no *Correio Paulistano* (Pelas Escolas, 1926, 03 de julho). Já outros, como Waclaw Radecki e Helena Antipoff aqui residiram e coordenaram laboratórios de psicologia experimental (ANTUNES, 2012; CENTOFANTI, 1982). Especialistas estrangeiros, portanto, contribuindo para o ensino, a divulgação e o desenvolvimento da psicologia no país. Uma interpretação que se pode formular a partir destes acontecimentos é a influência das ideias do velho continente sobre os intelectuais de um país cujo solo encontrava-se fértil para as modernas teorias e técnicas da nova psicologia, que já há algum tempo eram objeto de discussão entre europeus e norte-americanos. Uma visão, portanto, que hierarquiza o processo histórico da psicologia no Brasil, pois parte-se do princípio que os países “cultos” elaboram e aqueles do “novo mundo”, como o Brasil, bebem deste conhecimento e trilham os rumos ditados por aqueles.

Entretanto, deixar-se contagiar por essa interpretação poderia levar o historiador a incorrer na reprodução de uma narrativa que já de antemão simplifica e categoriza as fontes primárias, desconsiderando a possibilidade de um pensamento construído em solo brasileiro. O texto *O Facto Psychico* de Manoel Bomfim é um exemplo em que o autor discute algumas das ideias de seu tempo e chega a uma conclusão que se distancia de uns e se aproxima de outros entre os mais citados autores europeus. Não expõe meramente, por exemplo, a definição de Wundt para o objeto da psicologia, mas a coloca no plano da discussão. A psicologia da personalidade de Bomfim é pensamento que se perdeu com o tempo, seja por um desinteresse de seus contemporâneos ou por uma característica da historiografia de analisar o processo histórico da psicologia no Brasil sob o ponto de vista da atribuição de dependência ao pensamento estrangeiro. Com isto, não se pretende concluir aqui certo pioneirismo de um ou outro autor sobre determinada escola ou movimento da psicologia, como parece sugerir a já citada lista no

livro de Azevedo. Tampouco negar as pesquisas históricas que afirmam que o Brasil importou modelos de países estrangeiros. Ao invés de disso, almeja-se valorizar nossas produções, tornando-as um pouco mais visíveis e com isso possibilitar uma outra análise sobre a psicologia no Brasil.

Sobre esse último ponto, torna-se conveniente retomar o trabalho de Cukierman (2007) mencionado no início deste artigo. Quando o autor trata de uma Ciência Desembarcada, se refere, por um lado, à ciência que embarcou de alguns países da Europa e descarregou no Brasil, recepcionada pelos nossos intelectuais, cujos pés estão bem fincados nas terras brasileiras, mas com olhos voltados para as terras além-mar. Essa recepção teria, em última instância, o objetivo de uma inserção internacional do Brasil, baseada não apenas no saneamento físico, mas também em "um total rearranjo de mentalidades e hábitos, de gestos e modas, de posturas e comportamentos" (p.39). Por outro lado, para que o Brasil não se limitasse à condição de simples repetidor do que se produz no estrangeiro, da Ciência Desembarcada se produziria uma ciência nacional. Conforme o autor:

Às ofertas científicas embarcadas nos portos de origem, a comissão de notáveis acrescentaria as suas próprias: inicialmente, de ser agente autorizado daquela Ciência para, em seguida, construir aqui mesmo, sobre os escombros da antiga Pestópolis de má fama, um daqueles centros privilegiados de saber, fazendo o país ingressar definitivamente no rol das nações modernas e civilizadas. (p.36)

Não como um país que repete e que por isto garante sua inserção no rol das nações modernas e civilizadas, mas como aquele que também produz conhecimento. Para isto, no raciocínio de Cukierman, a ciência que desembarca serve de matéria-prima para uma ciência nacional a ser produzida, permitindo então que o cientista brasileiro dialogue "de igual para igual com os seus colegas do Primeiro Mundo" (p.37). Estes foram os casos de Manoel Bomfim e Lourenço Filho, que se apropriaram de um conhecimento estrangeiro, identificaram algumas limitações e propuseram uma resposta na forma de uma produção autoral. Desse ponto de vista, enfocar no fato de que modelos de psicologia foram importados desde a primeira geração de psicólogos é narrar uma história de uma ciência privilegiando até o momento de seu desembarque ou, na melhor das hipóteses, até o momento em que a primeira geração se tornou, conforme a passagem acima, "agente autorizado daquela Ciência".

No seu provocador ensaio sobre o brasileiro, Vilém Flusser (1998) emprega as palavras "histórico" e "ahistórico" de um modo não muito preciso, mas que é útil aqui para prosseguir com a discussão. O natural de Praga e naturalizado brasileiro entende

por “histórico” um conjunto de experiências políticas, culturais e econômicas provenientes dos países que protagonizam a história do ocidente. O “ahistórico” seria característico dos países à margem dessas experiências, contemplando a experiência histórica como algo distante e ao mesmo tempo sendo influenciado por ela. No Brasil haveria um aroma do ahistórico, mas simultaneamente, no plano do conhecimento, a intelectualidade brasileira esforça-se por situar a si mesma nos trilhos da historicidade. Respira e vive as produções estrangeiras, deixando-se invadir pelo que Flusser chamou de “névoa ideológica” (p.42). Nesse desesperado esforço de concertar com aqueles que um dia muito consideramos povos civilizados e adiantados, pagamos o alto preço da alienação de nós mesmos: “São, no fundo, homens perdidos, que não se encontraram nem enquanto indivíduos, nem muito menos enquanto grupo, e que buscam identidade por vezes desesperadamente. Uma densa névoa de ideologias europeias dificulta ainda mais o encontro consigo mesmo.” (p.42).

Uma análise sobre a intelectualidade brasileira vem a somar-se à discussão de Flusser. O pensador brasileiro, em seu entendimento, é aquele que pendula de um pensamento mágico-místico a um escolástico academicista. Apenas este último aspecto nos interessa aqui. O pensamento escolástico academicista é próprio de quem agarra-se a teorias e esquemas majestosos, sendo o pensador brasileiro racional e ao mesmo tempo dogmático (p.53). É verdade que Flusser viveu no Brasil entre 1941 e 1972, mas o “dogmatismo” e o “agarrar-se” a que se referiu podem servir para uma análise de um período anterior à sua chegada.

Os intelectuais brasileiros do final do século XIX e primeiras décadas do século XX preocupavam-se com uma reforma da população brasileira em sentido mais amplo, problema que se manifestou nas discussões acerca da higiene, da raça, da eugenia e da higiene mental. A defesa por um povo dotado de higidez física e mental significava um passo na direção de países como França, Alemanha e Inglaterra que eram (e ainda são) por nós considerados grandes exemplos de civilização e progresso. Além disso, as discussões acerca dessas temáticas ocorreram intensamente desde o século XIX na Europa central e nos Estados Unidos e essa produção textual também servia de inspiração para ações aqui praticadas. Todo um cabedal teórico proveniente de países estrangeiros influenciou o trabalho de uma intelectualidade que temia os efeitos negativos dos erros do passado de nossa história, mas ao mesmo tempo ansiava por um futuro cheio de possibilidades promissoras. Desse ponto de vista, concordaríamos com

Flusser que efetivamente nos agarramos aos modelos estrangeiros e deixamo-nos invadir pela névoa ideológica estrangeira. Fomos – e talvez ainda sejamos em alguma medida – dogmáticos em relação ao pensamento europeu: sempre nos inspirando e guiando nossas análises a partir de suas categorias. Essa seria justamente a interpretação aqui criticada ao longo do texto e que está presente na historiografia.

Então, está selado o nosso destino enquanto encenadores dos roteiros estrangeiros? A tese de Flusser sobre o brasileiro oferece um caminho, embora este caminho necessite, primeiro, de um auto reconhecimento. O primeiro passo seria o reconhecimento da própria ahistoricidade: a tradição grega e a mentalidade cristã, além de toda a filosofia que embasa a ciência contemporânea foram gestadas longe de nossas terras, ainda que filósofos e naturalistas tenham viajado para as terras sul americanas para observar os povos, a flora e a fauna nativas. Todos os grandes autores da psicologia que marcam forte presença nos programas dos cursos de psicologia no Brasil são estrangeiros: desde Wundt e William James até os autores das correntes mais contemporâneas, a presença da Europa central e dos Estados Unidos no nosso currículo continua sendo para nós um grande nevoeiro de ideias. A brasilidade da nossa psicologia se esfacela em nome daqueles que historicamente percebemos como produtores da alta cultura e, portanto, mais civilizados e adiantados em nosso imaginário.

Isso não significa, por outro lado, que as nossas publicações sejam uma mimética (no sentido da simples imitação e não no aperfeiçoamento a partir dela) do que se produz fora ou que sejamos meros instrumentos das tendências externas. Elas contêm uma diferença cujo reconhecimento nos tornaria menos alienados de nós mesmos. Uma diferença que fala não apenas do produto, mas de nossa própria condição, isto é, da “nossa capacidade ímpar de sintetizar opostos por métodos espontâneos” (p.56). Se há uma essência brasileira, ela seria, segundo Flusser, não voltada para cópia, mas para assimilação (p.84).

Essa proposta de assimilação e síntese, no plano da psicologia, foi abordada por Ferreira (2015), para quem historicamente a psicologia tem uma tendência a devorar conceitos, métodos, questões e práticas provenientes de outras áreas do conhecimento, em ato antropofágico. Essa antropofagia é ativa e análoga a um modo de existência brasileiro: mistura racionalidades e práticas, produzindo subjetividades, mais práticas e novas racionalidades, tal como a formação cultural do país.

Um complemento a essa aplicação da ideia de antropofagia na história da

psicologia proposta por Ferreira é a imagem do “mingau” que Flusser empregou para tratar da sociedade brasileira. A parte líquida do alimento representa a massa, proletários e subproletários, indivíduos descendentes da população rural e de imigrantes europeus ou de povos do oriente, desenraizados das tradições que outrora atravessaram o mar durante a colonização ou os períodos de intensa imigração no século XIX, “que perdeu suas estruturas arcaicas, inadaptáveis à vida urbana (...) (FLUSSER, 1998, p.41). Por outro lado, as partes mais sólidas do mingau são as ilhas que representam os imigrantes ou seus descendentes mais próximos. São os representantes das sociedades originais que passam por um processo lento e gradual de erosão pela parte líquida. Em questão de algumas gerações o sólido do mingau torna-se líquido, isto é, perde suas raízes e liga-se à massa.

Na história de uma ciência no Brasil, se esta imagem ainda pode nos ser interessante, a região líquida do composto talvez seja a mais difícil de definir. Um conjunto de sentidos apropriados pela cultura e nela presentes de modo heterogêneo, sentidos normalmente ignorados pelos grupos que ensinam e pesquisam esta ou aquela ciência (uma história cultural da psicologia no Brasil é um campo de pesquisa ainda a ser construído). Incluiríamos aí também sentidos propostos por pensadores que não circularam ou não serviram de modelos e inspiração para novos trabalhos. No campo científico, as ilhas são os modelos teóricos, métodos e problemas oriundos dos centros científicos que mais inspiram os pensadores brasileiros, historicamente uma parte da Europa e os Estados Unidos. Eles buscam sobreviver no formato de ilha, mas também passam pelo mesmo processo descrito por Flusser, conforme o contato com o líquido.

Estou propondo que as muitas ilhas que aqui se formaram no percurso da história da psicologia no Brasil, cujas raízes remontam aos clássicos da psicologia internacional, também se decompõem muito lentamente. Uma parte do que desgastou e se misturou com o restante do “mingau” é a diferença de que tratei neste texto, que envolve algum grau de criatividade e de autoria da *intelligentsia* brasileira. Mas não é a elas que dedicamos maior parte de nossas atenções, mas às ilhas que embelezam a paisagem no horizonte. Ainda que haja algum desgaste de superfície, elas continuarão sendo irrigadas de fora, em um processo que é menos de intercâmbio, posto que se apresenta com certo desequilíbrio e tende a ser unilateral⁴. Se alguma ilha é aqui aterrada no decurso de nossa história, outras são formadas, mas sempre forasteiras.

Agradecimentos

O autor agradece aos valiosos apontamentos dos professores Francisco Teixeira Portugal, Arthur Arruda Leal Ferreira e de todos os colegas do Grupo Varanda que muito auxiliaram nas reflexões deste texto.

Referências

- ALMEIDA, Leonardo. Para uma caracterização da psicologia social brasileira. *Psicologia: Ciência e Profissão* (número especial), pp.124-137, 2012.
- ANTUNES, Mitsuko. *A psicologia no Brasil: leitura histórica sobre sua constituição*. São Paulo: Educ, 2012.
- ANTUNES, Mitsuko. Bomfim, Manoel José do (1868-1932). In: CAMPOS, Regina. (Org.). *Dicionário biográfico da psicologia no Brasil: Pioneiros*. Rio de Janeiro: Imago Ed, 2001.
- AZEVEDO, Nelson. *Psicologia educacional*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.
- BENJAMIN, Ludy. *Uma história da psicologia moderna*. Rio de Janeiro: LTC, 2009.
- BINET, Alfred. *A alma e o corpo*. Lisboa: Antiga Casa Bertrand: José Bastos & C^a, 1909. (Trabalho original publicado em 1905).
- BOMFIM, Manoel. *Noções de psychologia*. (4a. ed.). Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1928. (Trabalho original publicado em 1917).
- BOMFIM, Manoel. *O facto psychico*. Rio de Janeiro: Laemmert & C., 1904.
- BORING, Edwin. *A history of experimental psychology*. (2a. ed.). New York: Appleton-Century-Crofts, 1950. (Trabalho original publicado em 1917)
- BRAUNSTEIN, Jean-François; PEWZNER, Évelyne. *História da psicologia*. Porto Alegre: Instituto Piaget, 1999.
- CABRAL, Anita. A psicologia no Brasil. In: ANTUNES, Mitsuko. *História da psicologia no Brasil: Primeiros ensaios*. Rio de Janeiro: EdUERJ: Conselho Federal de Psicologia, 2004, pp.33-70. (Trabalho original publicado em 1950).
- CAMPOS, Regina. (Org.). *Dicionário biográfico da psicologia no Brasil: Pioneiros*. Rio de Janeiro: Imago Ed, 2001.
- CASTRO, Alexandre; CASTRO, Alexandre Grillo; JOSEPHSON, Silvia; JACÓ-VILELA, Ana. Medir, classificar e diferenciar. In: JACÓ-VILELA, Ana; FERREIRA, Arthur; PORTUGAL, Francisco. (Orgs.). *História da psicologia: Rumos e percursos*. Rio de Janeiro: Nau, 2013, pp. 301-326.
- CENTOFANTI, Rogerio. Radecki e a psicologia no Brasil. *Psicologia: ciência e profissão*, vol. 3, num. 1, pp. 2-50, 1982.
- CONTE, A. *Reflexões: Ensaio de psychologia e meditações philosophicas*. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia, 1922.
- CUKIERMAN, Henrique. *Yes, nós temos Pasteur: Manguinhos, Oswaldo Cruz e a ciência no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2007.
- FACCHINETTI, Cristiana & MUÑOZ, Pedro. Emil Kraepelin na ciência psiquiátrica

- do Rio de Janeiro, 1903-1933. *História, Ciência e Saúde – Manguinhos*, vol. 20, n.1, pp.239-262, 2013.
- FERREIRA, Arthur. Anthropophagy: a singular concept to understand brazilian culture and psychology as specific knowledge. *History of Psychology*, vol. 18, num. 4, pp. 327-336, 2015.
- FLUSSER, Vilém. *Fenomenologia do brasileiro*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.
- GEENEN, Henrique. *Compendio de psychologia*. (3a. ed.). São Paulo: Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato, 1925. (Trabalho original publicado em 1912).
- George Dumas em S.Paulo [Reportagem] (1912, 10 de agosto). A Imprensa, 1.
- GOODWIN, C. James. *História da psicologia moderna*. São Paulo: Cultrix, 2010.
- JACÓ-VILELA, Ana; ESCH, Cristiane; COELHO, Daniela; REZENDE, Marcelo. Os estudos médicos no Brasil no século XIX: Contribuições à psicologia. *Memorandum*, vol.7, pp. 138-150, 2004.
- JAMES, William. *The principles of psychology*. New York: Dover Publications, Inc., 1950. (Trabalho original publicado em 1890).
- JASPERS, Ludgero. *Psychologia e logica*. São Paulo: Comp. Melhoramentos de São Paulo, 1921.
- LIMA, Ana. Testes ABC: Proposta de governo de uma população problemática. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPPE)*, vol. 11, n.1, pp.145-152, 2007.
- LOURENÇO FILHO, Manoel. A psicologia no Brasil. In: ANTUNES, Mitsuko. (Org.). *História da psicologia no Brasil: Primeiros ensaios*. Rio de Janeiro: EdUERJ: Conselho Federal de Psicologia, 2004, pp.71-108. (Trabalho original publicado em 1955).
- LOURENÇO FILHO, Manoel. *Testes ABC: Para verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escripta*. (2a. ed.). São Paulo: Comp. Melhoramentos de S.Paulo, 1937. (Trabalho original publicado em 1933).
- MAGALHÃES, Paulo. *A psychologia das attitudes: Um ensaio de critica social*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1923.
- MASSIMI, Marina. O processo de institucionalização do saber psicológico no Brasil do século XIX. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria.; FERREIRA, Arthur; PORTUGAL, Francisco. (Orgs.). *História da psicologia: rumos e percursos*. Rio de Janeiro: Nau, 2013, pp.181-190
- MONARCHA, Carlos. "Testes ABC": Origem e desenvolvimento. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, vol.28, num.1, pp.7-17, 2008.
- OLINTO, Plinio. A psicologia experimental no Brasil. In: ANTUNES, Mitsuko. *História da psicologia no Brasil: Primeiros ensaios* (pp.25-31). Rio de Janeiro: EdUERJ: Conselho Federal de Psicologia, 2004, pp. 25-31. (Trabalho original publicado em 1944).
- Pelas Escolas [Reportagem] (1926, 03 de julho). Correio Paulistano, 8.
- PENNA, Antonio Gomes. *História da psicologia no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992.

- PILLSBURY, Walter. *The history of psychology*. New York: W.W.Norton & Company, Inc., 1929.
- Pontos de psychologia*. São Paulo: Irmãos Ferraz, 1928. (Original publicado em 1925).
- PORTUGAL, Francisco. Psicologia e história no pensamento social de Manoel Bomfim. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, vol.10, n.2, pp. 596-612, 2010.
- ROSA, Hugo. *Psicologia experimental e educação no Brasil: do despontar dos discursos científicos aos laboratórios e práticas de exame psicológico nas escolas brasileiras*. 2016. 136f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- SANTOS, Antonio. *Una experiencia con los tests ABC*. Guatemala: Editorial Del Ministerio de Educacion Publica, 1952.
- VIEIRA, Rita; CAMPOS, Regina. Notas sobre a introdução, recepção e desenvolvimento da medida psicológica no Brasil. *Temas em Psicologia*, vol.19, n.2, pp.417-425, 2011.
- WUNDT, Wilhelm. *Outlines of psychology*. Leipzig: Wilhelm Engelmann, 1897. (Trabalho original publicado em 1896).

Hugo Leonardo Rocha Silva da Rosa
Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Professor Assistente da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense
E-mail: darosahugo@gmail.com

¹ Comunicação oral no Scientiarum Historia IX, ocorrido em novembro de 2016 no Rio de Janeiro.

² Optamos por manter em todo o trabalho a grafia como consta nas fontes primárias.

³ Apesar de haver uma incongruência nessas datas, a data mencionada por Radecki é de fato 1932, mas efetivamente a 1ª edição dos Testes ABC é de 1933. Caberia uma pesquisa mais detalhada para esclarecer a questão, por exemplo, se foi uma apresentação de resultados preliminares do teste ou uma preocupação de Lourenço Filho em divulgar o instrumento em um evento internacional de psicologia.

⁴ Embora seja importante considerar que produções brasileiras tenham circulado fora do país, como no caso de Juliano Moreira analisado por Facchinetti e Muñoz (2013).